RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.1 2025. | submissão: 15/09/2025 | aceito: 17/09/2025 | publicação: 19/09/2025

Interferência linguística na aprendizagem do Francês Língua Estrangeira (FLE) por alunos moçambicanos

Linguistic interference in the learning of French as a Foreign Language (FLE) by Mozambican students

Jamila Rahima Nhaca – Universidade Eduardo Mondlane
Isabel Ana Rodrigues Cacachal – Universidade Técnica de Moçambique
Maria Sandra Jaime Mate – Universidade Técnica de Moçambique
Canjara Baltazar da Costa Massango – Universidade Técnica de Moçambique
Joaquim Mulamula Sabino Banguine – Universidade Técnica de Moçambique

RESUMO

O presente Artigo aborda sobre uma análise da problemática da interferência linguística na aprendizagem do Francês, estudo feito ao nível da 11ª classe e 12ª classes na Escola Secundária de Lhanguene, localizada nos arredores da cidade de Maputo. Moçambique é um país plurilíngue e multicultural, onde o ensino e aprendizagem engloba influências de várias línguas e culturas, tendo como base a ordem linguística deste país um potencial linguístico, onde o convívio de várias línguas no mesmo espaço social influência, sem dúvida, a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE). Neste sentido, a aprendizagem é marcada por várias interferências interlinguísticas que se manifestam durante o processo de ensino, onde a língua materna (LM) é indicada como o principal factor da origem de vários aspectos que causam as interferências. Essencialmente, o objectivo deste estudo é examinar como a língua Portuguesa (LP/LM e ou L2) influência na aprendizagem de Francês, língua estrangeira (FLE). Como outras disciplinas do currículo escolar, a língua francesa é aprendida nesta conjuntura do programa do ensino, onde envolve aprendentes não francófonos de vários contextos sociais. Sendo assim, o ensino e aprendizagem do FLE ocorre num contexto de diversidade linguística e, por esta razão, julgamos ser importante entender as "*nuances*" que determinam o que se pode chamar "aquisição deficiente" desta língua estrangeira (LE).

Palavras-chave: Aprendizagem de Línguas, Interferência Linguística, Língua Francesa, Língua Portuguesa, Interlíngua e Erros.

ABSTRACT

The present article addresses an analysis of the problematic of linguistic interference in the learning of French, a study conducted at the 11th and 12th grade levels at Lhanguene Secondary School, located on the outskirts of the city of Maputo. Mozambique is a plurilingual and multicultural country, where teaching and learning encompass influences from various languages and cultures. Based on the linguistic order of this country, there is a linguistic potential, where the coexistence of multiple languages in the same social space undoubtedly influences the learning of a foreign language (FL). In this sense, learning is marked by various interlinguistic interferences that manifest during the teaching process, where the mother tongue (MT) is indicated as the main factor of the origin of various aspects that cause interferences. Essentially, the objective of this study is to examine how the Portuguese language (PL) influences the learning of French, a foreign language (FL). Like other school subjects, the French language is learned in the school setting, involving non-francophone learners from various social contexts. Therefore, the teaching and learning of FL occur in a context of linguistic diversity, and for this reason, we consider it important to understand the "nuances" that determine what can be called "deficient acquisition" of this foreign language (FL).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Keywords: Language Learning, Linguistic Interference, French Language, Portuguese Language, Interlanguage, and Errors.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como finalidade de realizar uma investigação sobre a interferência linguística registada no processo de ensino e aprendizagem da língua francesa por alunos que têm a língua portuguesa como língua materna ou língua segunda. À partida, sabe-se que o processo de aprendizagem de uma língua, num estágio inicial, é sempre marcado por dificuldades de natureza linguística e extralinguística, dado que uma língua não somente serve para fins comunicativos, como também serve de símbolo cultural da comunidade que a usa.

Assim sendo, aprendizagem de uma língua segunda, em contextos multilíngues, como é o caso de Moçambique, deve ser encarado como um processo complexo, visto que o contexto sociolinguístico dos aprendizes do FLE é caracterizado por um conjunto de interferências da língua materna e de outras línguas adquiridas antes de aprendizagem do Francês. Este estágio na LE, sofre influência dos idiomas, e o ambiente poderia ser caracterizado por um conflito linguístico que influenciaria negativamente na aquisição da LE. Segundo os objetivos preconizados neste estudo e na busca de resposta à nossa questão de pesquisa, vimos a necessidade de realizar uma pré-pesquisa onde tivemos a precisão de recolher alguns dados perante os nossos alunos. O nosso pré-estudo teve como o principal objectivo, concretizar se realmente existia a problemática da interferência linguística do Português na aprendizagem do FLE. Sendo assim, a metodologia adoptada foi de carácter quantitativo e qualitativo de análise de interferência da língua Materna (LM) e ou L2 dos alunos.

Sem deixarmos de salientar que para os nossos alunos, o Português apresenta estatutos diferentes, sendo que alguns têm a LP como LM e outros como L2. Entre vários ângulos de reflexão preliminar, pode ter alguma importância saber, como mera hipótese explicativa, se os erros originados pela interferência de línguas são causados pela "*vizinhança*" entre o Português e o Francês sob o ponto de vista de sua origem latina, pois partilham algumas regras e estruturas em comum. De outro modo, importa perceber e considerar as questões culturais subjacentes, ou seja, o caso de os alunos dominarem a língua portuguesa e outras línguas pode, de certo modo, criar uma influência (interferência?) significativa no domínio da aprendizagem do FLE. Desta forma, relacionados com a nossa pergunta de pesquisa onde nos questionamos de que

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

forma a língua portuguesa influência a aprendizagem do FLE, por alunos da 11ª e 12ª classes do Ensino Secundário Geral.

Também importa sublinhar que numa situação de ensino e aprendizagem (EA) no contexto multilíngue, o professor de línguas deve ser habilitado a lidar com os aspectos da variedade linguística. Na sala de aula o professor deve tratar da pedagogia de uma forma correspondente à diversidade linguística, através de trocas cognitivas e afectivas. Como líder e guia do aluno na sala, o professor deve ter em atenção este aspecto de diversidade linguística, para poder adaptar certas práticas didácticas que despertem uma motivação permanente na aprendizagem de línguas. Esta pesquisa vê o erro como um factor integrante no processo de ensino e aprendizagem (PEA) de línguas, ao nível de várias vertentes de desvios linguísticos. A identificação de erros de desvios por interferência linguística toma como base da nossa pesquisa, onde pretendemos delimitar o nosso estudo ao nível semântico e gramatical (verbal). Para o efeito, propusemo-nos em efectuar o nosso estudo em torno da revisão da literatura nos seguintes pontos-guia: (i) a língua materna, a língua estrangeira, aquisição e aprendizagem de línguas; (ii) o impacto da interlíngua ou interferências segundo as teorias de alguns autores e, por fim, recomendamos algumas propostas didáctico-pedagógicas para os professores e gestores da educação.

2. MARCO TEÓRICO

A nossa pesquisa tem como literatura baseada na bibliografia de alguns autores que trataram conceitos relacionados com a nossa abordagem, segundo os tópicos acima referenciados.

A língua materna é a língua da infância, é o primeiro instrumento de comunicação desde a tenra idade, transmitida pelas pessoas que convivem com a criança. Portanto, esta é a língua familiar da criança, a língua adquirida de forma natural desde o nascimento do indivíduo (nossa asserção).

Segundo Didonet (2009), a língua materna é a língua com a qual um falante entra em contacto na infância e que a adquire em ambiente natural. De acordo com este autor, podemos salientar que a língua materna (LM), que é a língua da infância, é o primeiro instrumento de comunicação desde a tenra idade, transmitida pelas pessoas que convivem com a criança. Portanto, esta é a língua de socialização da criança, a língua considerada como adquirida de forma natural, por outra, compreende-se que a LM é desenvolvida pelo indivíduo desde a sua infância e

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

corresponde ao meio pelo qual qualquer indivíduo adquire a capacidade de linguagem. Neste sentido, a LM também pode ser chamada de língua infantil, visto que é a primeira língua que o ser humano adquire na infância, no seio familiar. A língua Materna é um elemento muito importante de identidade nacional e cultural, Cardoso (2007), cita Marques (2003 pp 251- 263) que destaca sobre a importância da cultura, que implica na aquisição da língua não materna (LNM) e define a cultura que afecta como a aparte silenciosa das atitudes quotidianas dos indivíduos.

Em relação ao conceito de **língua estrangeira (LE),** temos Menezes (2013) segundo a qual a LE é uma língua que não corresponde a LM de nenhuma comunidade do país e que não é reconhecida como língua oficial num determinado país. Neste sentido, é essencial referirmos que a LE, em alguns casos, pode vir a transformar-se em LM de uma segunda ou terceira geração da comunidade de um país, principalmente em contextos em que ela toma a posição de LE, sendo uma língua com o valor de comunicação nacional que foi adoptada por questões políticas para unificar a comunicação dentro de uma determinada sociedade.

Os autores como Gonçalves e Stround (2000, p.8) afirmam que língua estrangeira se distingue pelo facto de ser aprendida por via de instrução, com exposição da mesma num contexto restrito de sala do ensino de línguas. Como menciona Meneses, a Língua estrangeira refere-se a uma língua que não equivale à língua materna de nenhuma comunidade do país e que não é tida e reconhecida como língua oficial de um país Menezes (2013, p, 39- 40). A língua estrangeira é entendida como língua de ligação intercultural, convivendo com outras línguas dentro de uma sociedade.

No caso do ensino de francês nas escolas moçambicanas, trata-se de ensino de uma LE implementada pelo governo, a fim de proporcionar o conhecimento desta língua ao nível nacional, onde desempenha um papel crucial na promoção de intercâmbios culturais com os países francófonos, nos assuntos de negócios estrangeiros e diplomacia, não só, mas também na educação e na formação de quadros. Particularmente a estas asserções, em relação ao conceito da língua estrangeira, concordamos com a definição de Menezes (2013) segundo a qual a LE é uma língua que não corresponde a LM de nenhuma comunidade do país e que não é reconhecida como língua oficial no mesmo país. A língua estrangeira, como o caso da língua portuguesa para Moçambique, tem uma função predominante nas cidades, onde a população a

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

utiliza como um meio de comunicação mais privilegiado e funciona como LE, língua do ensino, língua que certifica o estabelecimento de relações de convivência e ligações com vários polos nacionais e internacionais.

Neste sentido, é essencial referirmos que a LE, em alguns casos, pode vir a transformar-se em LM das gerações vindouras da comunidade de um país, principalmente em contextos em que ela toma a posição de LE sendo uma língua com o valor de comunicação nacional que foi adoptada por questões políticas para unir a comunicação dentro de uma determinada sociedade.

2.1 Aprendizagem e Aquisição da Língua

Relativamente a aprendizagem de línguas, os autores relacionam os factos que ocorrem nesta dimensão subre vários contextos do tratamento de uma língua estrangeira ou segunda. Segundo Krashen, Stephen (1981) se um aprendente de língua segunda é exposto numa situação real de convivência com nativos de uma certa língua e, se lhe for dada a oportunidade de se concentrar mais em significados e mensagens que das formas gramaticais, este aprendente poderá ser capaz de adquirir a língua do mesmo modo pelo qual adquiriu a sua língua materna.

A partir desta ideia, o autor faz uma distinção entre a aprendizagem e a aquisição, onde define a aquisição como capacidade natural que uma pessoa possui para entender e comunicar-se de forma produtiva, sendo vista como um processo subconsciente, e a aprendizagem é considerada como um estágio de conhecimento consciente em que o indivíduo adquire as regras linguísticas.

Conforme o ponto de vista do Krashen, estamos convictos de que a aquisição de uma língua difere da aprendizagem, por dois aspectos pelos quais uma língua pode ser adquirida. Desta forma, a aquisição envolve um aspecto natural do indivíduo que ocorre no seio da família e a aprendizagem engloba uma actividade social na sala de aula, onde o aluno (consciente da sua aprendizagem) interage com o professor e com os colegas para desenvolver competências. Com efeito, podemos verificar ainda, que a aquisição é mais natural, pois ela acontece desde a tenra idade do indivíduo e a aprendizagem pode acontecer depois de alguns anos da idade materna, na juventude e/ou na vida adulta.

Quanto aprendizagem de uma língua segunda (AL2), podemos evidenciar que trata se de um processo complexo que nele fazem parte modelos de aprendizagem com várias facetas como os tipos de aprendizagem, metodologias, recursos didácticos, tipos de alunos concernentes, a

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

formação do professor, entre outras variações. Desta forma, percebe-se que a aprendizagem de uma L2, envolve vários aspectos que requerem uma adaptação relacionada com o meio social e cultural do aluno.

Rodrigues M. (2012) no seu estudo destaca que no processo de aprendizagem da LE ou da L2, exige-se uma disciplina a novos comportamentos que podem ser sociais ou culturais o que irá implicar impacto significativo na vida do aluno. A esse respeito, tomando como ponto de partida das teorias de Krashen e Vygotsty (1998), podemos referir que a aprendizagem é uma actividade que integra a cultura de uma dada sociedade em que o aluno está inserido, pois uma actividade social envolve interacções entre os indivíduos. Assim sendo, chama-se atenção ao professor sendo aquele indivíduo que, ao ensinar a L2 deve ter a consciência sobre a precisão de orientar os seus alunos numa aprendizagem interactiva onde os alunos possam trocar experiências culturais e sociais ao promoverem actividades no processo de ensino e aprendizagem.

Moçambique é um país africano linguisticamente heterogéneo, onde coexistem várias línguas, especialmente as línguas autóctones (regra geral, mais usadas na comunicação quotidiana, principalmente nas zonas rurais) de raiz bantu que são faladas pela maioria da população (FIRMINO, 2008). Sendo assim, como afirma este autor, o país possui muitas línguas de origem bantu distribuídas por todo o território nacional. Para além destas línguas autóctones, Moçambique tem a língua portuguesa com o estatuto de língua oficial (definida ideologicamente como símbolo de unidade nacional, devido à história e seu uso no país) e, como se sabe, a língua portuguesa (LP) é caracterizada, também por manifestar variações linguísticas consideráveis Firmino (2008).

Conforme já abordamos, nas linhas acima, sobre a aquisição da linguagem, na mesma linha de ideia, Mota (2008) alude que a aquisição da língua é o processo pelo qual uma criança é exposta a uma outra língua diferente de sua língua materna.

Segundo as definições destes autores, a aquisição acontece de forma natural, pois difere da aprendizagem. Quando falamos acerca da língua materna, referimo-nos, exactamente, ao sistema de integração inato, envolvendo a percepção natural e a aprendizagem subconsciente que é o resultado de comunicação real entre os indivíduos de uma comunidade. A

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

aprendizagem pode ser realizada num ambiente escolar onde o indivíduo irá conceber a língua seguindo um processo regido por normas.

Para decifrarmos a diferença entre o conceito a aquisição da língua e a aprendizagem da língua é fundamental basearmos na linguística e na psicologia da aquisição da linguagem. Pois, estes termos são usados para descrever duas formas distintas de adquirir uma língua, seja a língua materna ou uma língua estrangeira. Para o efeito, Rodriques (2012, p.77) cita Krashen que define aprendizagem como um processo consciente que resulta num conhecimento, o que equivale dizer que a aprendizagem é resultante da experiência que o aluno adquire e este é levado a criar/activar esforços a fim de adquirir a proficiência necessária numa certa língua.

Algumas características da aquisição da língua incluem a forma inconsciente de adquirir a língua, isto porque a aquisição da língua acontece de forma inconsciente e sem esforço consciente (VYGOTSKY,1998). A criança adquire e desenvolve a linguagem automaticamente, sem perceber que está em processo de assimilação das regras gramaticais específicas.

Portanto, a aquisição da língua resulta de fluência natural e prática intuitiva da língua, sem a necessidade de regras formais onde o contexto Social e Comunicativo desempenham um papel capital na aquisição da língua. As crianças aprendem a linguagem ao se envolverem em interacções com falantes nativos, desenvolvendo as suas habilidades linguísticas, incluindo a compreensão auditiva, da fala, da leitura e da escrita. Sobre esta temática, como já referenciamos, importa-nos, antes de mais, destacar que há sempre necessidade de diferenciar o processo de aquisição da língua primeira (L1) e o da aprendizagem da Língua segunda (L2), pois existem diferenças entre aquisição da L1 e da L2. Enquanto a L1 é adquirida na infância, a L2 é adquirida em ambientes sociais e, ou, na escola, podendo ser depois da infância e na vida adulta.

A ideia da aquisição da língua é definida por autores como um conjunto de sentenças e competências linguísticas que o falante passa por estímulos, respostas e reforços individuais. Segundo Ferdinand de Saussure (1913), aquisição da linguagem refere-se ao processo natural e imediato, através do qual os seres humanos aprendem a língua materna durante a infância. É um processo que ocorre sem instrução formal, simplesmente pela exposição constante à linguagem ao redor.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Assim, conclui se que a aquisição da língua se regista na infância onde ocorre num contexto natural e social, principalmente por meio de interações com pais, familiares e outros cuidadores. A aquisição da língua na infância é mediada por mecanismos cognitivos inatos. As crianças têm uma habilidade natural para adquirir a língua materna sem instrução explícita. E por sua vez, aprendizagem de língua envolve a aquisição consciente e deliberada de uma língua, muitas vezes através de instrução formal. Esse processo é mais comum ao aprender uma língua estrangeira na escola ou em contextos de ensino.

A aprendizagem requer a intensão e decisão por parte do aprendente, sendo um processo consciente, requer o esforço deliberado para a compreensão e aplicação de regras gramaticais e léxico apropriado. Com efeito, a aprendizagem de língua envolve a análise de regras gramaticais, a exemplo de aprendizagem formal que este geralmente ocorre em ambientes educacionais formais, como escolas ou cursos de línguas, onde são aplicados métodos de ensino estruturados.

Com ênfase e precisão, aprendizagem da língua pode ser mais focada na exactidão gramatical e na utilização correcta da língua em situações específicas. O processo de aprendizagem pode ocorrer gradualmente, com a construção progressiva de habilidades linguísticas ao longo do tempo. A aprendizagem de uma língua envolve esforços conscientes, dedicação e estudo, a exposição a regras gramaticais e vocabulário. Na aprendizagem de uma língua, muitas vezes há um foco mais precoce na estrutura gramatical e nas regras da língua.

A nossa pesquisa tem como fundamento o teórico baseado em estudos de alguns autores que evidenciaram sobre a interferência linguística na aprendizagem de uma língua ou de (LE) pois, o foco deste estudo é a interferência linguística que ocorre na aprendizagem de francês língua estrangeira.

2.2 Conceito de Interferência

Voltando para a observação de Weinereish (1953), que alude que a interferência pode surgir tanto por presença de traços de LM na língua não materna, assim como pode acontecer pela presença de traços de língua relativa do falante. À luz deste entendimento, é pertinente dizer que as línguas se influenciam reciprocamente de diferentes formas. Por esta razão, este pensamento, é pertinente a consideração e valorização do erro do aluno que resulta do contacto

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

de línguas. Este ponto de vista pode ser útil para a mudança quanto das metodologias de ensino e aprendizagem de línguas como da própria teoria no que concerne à importância das interferências no ensino de línguas, onde parece haver a ideia de "*super*" recorrência ao conhecimento linguístico prévio como factor decisivo.

Relativamente a natureza da interferência linguística de falantes bilingues, Cardoso (2007) refere que trata se de transferências de traços de uma língua materna para a língua não materna e identifica dois tipos de transferência, nomeadamente a transferência **positiva e negativa**. Segundo este autor, a transferência **positiva** é um recurso usado pelo falante, particularmente quando as línguas são semelhantes, há aqui recorrência a uma das línguas na produção discursiva; e a transferência **negativa** seria uma dificuldade a ser ultrapassada (Cardoso, op.cit.). o autor ainda refere que a transferência negativa é também considerada desvio que acontece quando o falante não encontra outra forma além de recorrer a LM.

Ao longo do nosso percurso na área do ensino, constatamos que as causas mais frequentes da fossilização têm sido originadas das interferências linguísticas entre a L1 e a L2, i.e, as interferências com segundas línguas ou línguas estrangeiras onde são mais notáveis e o fenómeno tem -se registado com mais frequência em falantes não nativos em que o objectivo é obter uma competência comunicativa funcional quotidiana.

O conceito de interferência lexical em questão parece claramente definida, entretanto, deve ser diferenciado dos dois conceitos – empréstimo lexical e codificação – para evitar qualquer disparidade. Na verdade, a interferência lexical é um fenómeno distinto do empréstimo – o primeiro é individual, enquanto o segundo é colectivo. Loubier (2011) e Madane (2013) explicam que a palavra apresentada acaba por ser imposta pelo uso, o que não distorce a sua introdução nas produções da língua-alvo; não é o mesmo para a interferência lexical que diz respeito a um trabalho individual gerado por uma competência lexical restrita.

Segundo abordagem acima registada sobre interferência linguística onde definimos a transferência positiva e negativa, passamos a referenciar detalhadamente o conceito transferência na aprendizagem de línguas. Depois de uma leitura sobre vários estudos relativos a interferência da L1 na aprendizagem da L2, constatamos que quase todos os pesquisadores acreditam que a LM interfere na aquisição da L2. Sendo que o nosso estudo é focalizado nos falantes bilingues, onde as interferências ocorrem, visto que alguns aspectos da LM(PT)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

influenciam na produção do FLE, como é referenciado por Mackeiy (1976) que define a interferência linguística como o uso de elementos de uma outra língua na fala ou na escrita de uma outra língua.

Entretanto, a interferência poderá variar em função da qualidade e quantidade dos falantes bilingues bem como pode variar ao nível do mesmo individuo. No seu estudo Ngunga (2009) afirma que o processo de aquisição de uma língua não materna implica a utilização dos órgãos do aparelho fonador e dos processos psicológicos formados para o uso na produção de sons e de outras estruturas da língua alvo (LA). Este autor ainda refere que o exercício fonológico resulta no que os professores de língua chamam de"erros" resultantes de transferências de estruturas da (LM) para LA (citado em Cardoso, 2007). Relativamente a interferência, na visão de Ngunga (2012), a interferência linguística pode ser definida como um fenómeno que consiste no emprego de expressões de uma língua para outra. Na mesma linha de pensamento, temos Weinereish (1953), que ressalta que a interferência pode surgir tanto por presença de traços de LM na língua não materna, assim como pode surgir pela presença de traços de língua relativa do falante.

Depois de analisarmos o que foi citado pelos autores acima referidos, estamos convictos de que a interferência linguística é um fenómeno que ocorre quando um aprendente está estudando ou dominando uma segunda língua (ou língua estrangeira) deixa-se influenciar pela sua língua materna (língua-mãe) ao nível da escrita e da oralidade da língua alvo. Isso resulta na transferência de características, como fonologia, vocabulário, estrutura gramatical e padrões culturais da língua materna para a língua estrangeira (Weinereish, 1953). A interferência linguística pode ser observada em vários aspectos da língua tais como: ao nível ortográfico onde há transposição da grafia do português para francês; ao nível fonético onde a dificuldade na percepção e pronúncia de fonemas não existentes na LM do aluno; ao nível gramatical onde a utilização de verbo com gerência analógica em relação aos verbos do português e, ao nível lexical onde o aluno generaliza e cria formas generalizadas que fazem surgir traços característicos da LM.

Como já vimos, alguns autores culpam a L1, a exemplo de Kannan (1994) que estima que a interferência se deve à primeira língua adquirida, ou seja, a L1. Outros autores, como Mackey (1976) e Öztokal (1993), ao definirem interferência como transferências negativas da L1 para

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

L2, reconhecem o papel desempenhado pela primeira língua ao surgimento de erros na língua-alvo.

No entanto, há motivos que reduzem a interferência e há indícios de incompetência linguística desactualizada. Os erros verificados explicam as estratégias mobilizadas nas situações de aprendizagem de uma LE, o problema vem na verdade, sobre a interferência dos alunos que é associada a seus conhecimentos intermediários durante a aprendizagem de uma língua estrangeira (GALLIGAN, 2003). Obviamente, essas interferências são comuns em bilingues e fazem parte do processo de aprendizagem.

Weinereish (1970) no seu estudo sobre a interferência, não classifica as interferências como positivas ou negativas, mas apenas descreve decifrando os desvios à norma padrão em vários níveis de língua. No mesmo sentido, Galisson e Costa (1976) definiram a interferência como o uso de palavras impróprias devido ao contacto de línguas. Eles associam o conceito de interferência lexical ao de "falsos amigos", que designam palavras que existem em duas línguas diferentes sem ter o mesmo significado.

Os autores Beeg ed Selinger, citado por Nemati & Taghizadeh (2006), explicam que os que aprendem uma L2 têm a tendência de transferir as formas, os significados e a cultura da sua L1 para a L2, ao usarem a L2. Ao aprender a L2, os hábitos da L1 também são transferidos, daí que surgem "erros". Portanto, pode se referir que os erros de interferência que se registam numa primeira fase de aprendizagem, fazem parte do processo da busca de habilidades e competências por parte do aluno.

2.3 Interlíngua e ocorrência de erros

Considerando que a **interlíngua e a interferência** são dois elementos ou fenómenos diferentes e complexos, sobre a análise da ocorrência de interferência linguística na aprendizagem de Francês por falantes que têm a língua portuguesa como LM e ou L2, estudo relacionado a casos de interlíngua, alguns autores demonstram que as línguas se influenciam entre si quando se trata de aprendizagem de uma língua nova. Este caso regista-se em contextos plurilingues onde a complexidade observa-se em maior escala, dai que o surgimento de influências "interlinguais" ocorre em todos os níveis de língua (semântico, lexical, pragmático, ortográfico, sociolinguístico (Brito (2011).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

O autor explica o porquê destas ocorrências: devido a tipologia linguística que é entendida como as diferenças estruturais entre as línguas, pois segundo Brito (2011), a tipologia linguística tem a função primordial na selecção da língua de partida. A esse respeito, Cenoz (2001) diz que os alunos fazem empréstimos de palavras das línguas mais próximas da língua-alvo. Portanto, deve-se considerar a competência demonstrada pelo aluno, não somente na LE, mas também nas outras línguas.

Por sua vez Lot (1983) considera a causa de erros por extensão ou por analogia e segundo este autor, os aspectos analisados correspondem a erros semânticos, sintácticos morfológicos, e ortográficos. Este autor ainda salienta que as características dos erros por omissão, ou adição, geralmente são erros "interlinguais", pois são daqueles que surgem por influência da LM dando o surgimento de interferência na escrita e na fala da LE.

No nosso entender, um professor de línguas deve ter em conta estes aspectos, de modo a procurar estratégias de ensino que o ajudem a mostrar ao aluno que a forma correcta de uma língua tem aspectos peculiarmente bem marcados e diferentes de uma outra língua, na escrita e na fala.

De acordo com a nossa análise, no decurso do ensino da língua estrangeira, o aspecto da interferência da LM para Francês ocorre a nível dos alunos principiantes em processo de aprendizagem da língua francesa. Regista-se que, na língua francesa, por exemplo, um adjectivo que sofre flexão de género na língua portuguesa não ocorre a mesma regra onde em português o adjectivo é invariável. Esta situação faz com que o aprendente não aplique o adjectivo de forma correcta na língua francesa.

Na sala de aula, o aluno que busca comunicar-se e não tendo outra forma de usar a língua recorre à sua língua materna (LM), bem como a outras línguas já adquiridas. Aqui a interlíngua irá evoluir mediante um processo de complicação crescente em que, com o desenvolvimento da aprendizagem, o aluno passará por um outro processo de descoberta dos seus próprios erros. De uma forma consciente ou inconsciente, os traços da língua materna são arrastados para a língua estrangeira, principalmente quando há semelhanças nas duas línguas, o aluno apoia-se mais na sua LM, e os erros, "normais" e vistos como "inevitáveis", surgem como estratégias de comunicação, sendo a manifestação natural da aprendizagem que não corresponde à deficiência

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

e ou à inabilidade cognitiva do aluno.

Neste sentido, poderá gerar-se uma interlíngua, dado que, como defende Selinker (1972) aprender línguas pressupõe o desenvolvimento de um sistema linguístico particular que é designado de interlíngua**.** Trata-se de um sistema mental híbrido que engloba o conhecimento linguístico prévio que se possui, vindo do contacto entre as línguas. Este sistema desenvolve-se desde o início da aprendizagem, no momento da tentativa de comunicação na língua que se está a aprender e surge em todos os níveis de competência (SELINKER, 1972).

Menezes (2013), cita Ngunga (2008), que destaca que as interferências constituem o problema pedagógico que precisa ser tratado por meio de estratégias de ensino de línguas, que são apropriadas na base do conhecimento do professor nesta área de ensino da LE e da LM.

Relativamente a este conceito, o professor deve ter consciência de que a LM do aluno constitui a maior parte desse repertório prévio, sendo a base pela qual as interferências "interlínguais" poderão vir a desenvolver-se e, por conseguinte, na tentativa de se estabelecer comunicação, é normal e inevitável que venha a ocorrer erros que são considerados, por vários pesquisadores, como estratégias de comunicação numa manifestação natural de aprendizagem e não correspondem a deficiência e ou inabilidade cognitiva. Portando, é preciso criar se formas pedagógicas que possam ser úteis para minimizar esta problemática (nossa asserção).

Esta posição, no nosso entender, converge com o que os autores Selinker (1972) e Corder (1967) defendem na base das teorias de análise de erro de interlíngua. A partir deste estudo evidenciou-se que os erros mais frequentes eram originados pelas transferências dos elementos produzidos ao nível do léxico, da sintaxe, da fonética, ou seja, de forma geral, na gramática do idioma alvo.

Partindo desta constatação, podemos afirmar que os erros não são causados apenas pelas interferências da LM, mas também podem ser causados pelas estruturas de outras línguas existentes e que os alunos possam ter estudado. Apoiados nesta asserção, diferentemente aos autores que apontam a LM como fonte de interferência, Galisson e Coste (1976) acreditaram que a língua materna não é a única língua fonte de erros, uma vez que uma língua estrangeira, previamente aprendida, poderá interferir na produção escrita ou oral dos alunos em aprendizagem de uma nova língua.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Relativamente a asserção destes autores, podemos comentar que quando se trata de uma língua que interfere "dentro de si mesma", referimo-nos a variações internas que podem causar certos tipos de influências ou mudanças no próprio sistema linguístico. No caso dos nossos alunos, a interferência na própria língua francesa, ocorre mais na escrita pois os alunos têm a tendência de usar a forma fonológica da própria LE na escrita da mesma.

Karen e Nassaji (2013), por exemplo, estudaram a interferência da L1 na L2 e descobriram que, quando os aprendentes se aplicam na escrita da L2, a L1 pode ter um efeito na escrita. Portanto, segundo os resultados do estudo destes autores, podemos aludir que interferência da L1 na L2/LE, e os erros cometidos determinam a fase de aprendizagem, dai que é importante criar-se estratégias metodológicas afim de contornar a situação. Para o efeito, seria principal a ideia de proceder com uma reflexão pedagógica virada para a revisão dos materiais em uso e das estratégias do EP.

Fateme Sobhana e Albolhassan (s/d) ao investigarem as diferenças existentes nas pronúncias das consoantes na oralidade da L1 e da L2, verificaram que as estruturas das mesmas eram diferentes. Os aprendentes tinham dificuldades na pronúncia da L2, porque a L2 apresenta uma regra de pronúncia diferente da L1, e que essas regras de pronunciação são desconhecidas pelos aprendizes da L2. Apoiados neste estudo de Fateme Sobhana e Albolhassan, temos a salientar sobre este estudo, que quando os alunos moçambicanos aprendem FLE, eles recorrem à estrutura da L1 ou de outras línguas adquiridas antes. A justificativa desse aspecto é respondida pelo facto de que a língua francesa em aprendizagem, apesar de ter a mesma origem com a língua portuguesa, ela apresenta uma forma diferente em termos de pronunciação de palavras, possui vogais nasais e tem regras gramaticais ao nível da conjugação verbal diferentes as da língua portuguesa. A respeito desse conceito, trata se de um aspecto que acontece com os aprendentes numa fase inicial de aquisição da língua, onde desenvolvem o seu próprio sistema linguístico constituído pelo conhecimento linguístico prévio que serve de base na aprendizagem de uma língua alvo Selinker (1972).

Como já salientamos, transferências são “erros” que podem ser atribuídos à primeira língua, enquanto os alunos usam a segunda língua (Loh, *apud* Bhela (1999 p.22). Essas transferências surgem quando há um contacto entre as línguas.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Isso quer dizer que um aluno pode ter dificuldades em L2 ao nível da fonologia, vocabulário e gramática, devido à interferência de regras de L1. Esses erros, que surgem na aprendizagem, causam interferências negativas que segundo Lot *apud* Bhela são categorizadas da seguinte forma:

1. **Erros de desenvolvimento** – são os que não estão relacionados à L1 do aprendente.
2. **Erros ambíguos** – envolvem interferências e erros do desenvolvimento.
3. **Erros únicos** – são aqueles que não podem ser categorizados em interferências e em erros de desenvolvimento.

Transferência das formas do significado e da cultura da L1

Por sua vez, Dualy, Burt, Krashen (1982) afirmam que a interferência é o resultado de velhos hábitos da L1 e deve ser evitada antes da aprendizagem de novas regras da L2.

De acordo com o estudo feito por Lord (2008), há uma indicação contrária. Este autor investigou os diferentes efeitos que a L2 tem sobre a L1 e indicou que os aprendentes da L2 se tornam membros de comunidades bilingues e perdem a sua L1.

Relacionando a ocorrência de erro no ensino e aprendizagem de línguas, Corder (1967) afirma que é normal e inevitável a ocorrência de erros, sendo que o erro é a manifestação natural da aprendizagem. Neste sentido, durante a aprendizagem, o erro configura um utensílio eficiente de diagnóstico que pode servir como revelação da função e eficácia da metodologia e das técnicas aplicadas na metodologia do ensino.

2.4 Categorias de análise e tratamento do Erro

Relativamente a categorias de análise de dificuldades que remetem a erros por parte dos alunos, sobre a diversidade de categorias de análise do erro, autores como Selinker (1972), Richards (1973), Corder (1980-1971- 1973), Durão (2004-2007), Kiparsky (1972), entre outros, tendo em conta a visão destes autores e segundo o nosso objectivo neste estudo, podemos focalizar-nos na proposição de Corder (1980) que prevê que para o tratamento do erro, deve-se sugerir a composição de um **corpus escrito** pelos aprendentes para supostamente seguir-se **a identificação, a classificação, a descrição e a explicação dos erros.** Com efeito, após análise do corpus (frases escritas) destacamos que os enunciados apresentam vários factores caracterizados com influência da LM, influência cultural, frases híbridas da interlíngua, entre outros aspectos.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo focaliza a descrição das produções escritas dos alunos e, a partir dos dados colhidos, analisadas as interferências detectáveis, sugerimos algumas estratégias de condução de ensino. Temos a referir que a nossa investigação incide no estudo dos erros de interferências por influência da LM.

A partir da identificação, classificação, descrição/caracterização dos erros por interferência, apoiados ou suportados pelas teorias linguísticas e sociolinguísticas na perspectiva de estudos de *interlíngua e da análise do erro*, esperamos chegar a conclusões que possam auxiliar na compreensão do problema, bem como no equacionamento de modelos de ensino que sejam pedagogicamente sensíveis aos fenómenos registados.

O critério de escolha e selecção de informantes, foi no contexto de sala de aula, onde em duas (2) turmas, sendo uma da 11ª classe e outra da 12ª classe, compostas por 90 (noventa) alunos, seleccionámos 2 (dois) grupos de 10 (dez) aprendentes por cada classe, formando assim uma amostra constituída por 20 (vinte) alunos, dos quais solicitámos que produzissem enunciados escritos a partir de um questionário preparado antes da selecção.

3.1 QUADRO FORMADO POR CORPUS DOS ALUNOS

Produção do aluno	Forma correcta	Ocorrência
1.Bonjour madame, bem venu.	Bonjour! Bien venue madame! Bom dia! Bem vinda senhora!	Tradução literária/LM/omissão da vogal (e).
2. Soyi rapid. **3. Vou este professor de francês.** **4. Ille as mon freire.**	Soyez rápide. /Seja rápida. Vous êtes professeur de Français. você é professor de francês. Il est mon frère. / Ele é meu irmão.	Forma híbrida/acréscimo da vogal (i) e omissão da vogal (e) na palavra "rápide“ /casos de interlíngua./estruturas verbais não aplicáveis. Pronome não adequado. forma errada, não aceite.
5.Um bom élève/ Ah bom.	Un bon élève. Um bom aluno.	Alternância do código

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

6. Désiré quelque chose?	Vous désirez quelque chose? Deseja alguma coisa?	Tradução literária/LM/sem pronome sujeito, forma verbal não correspondente.
7.Nou somme éstranger. **8.Tu veni d'ou?** **9.Sortis d'ici en sala.** **10.Mon colegui sappel Hugo.**	Nous sommes étrangers. Nós somos estrangeiros. Tu vens de onde? /tu viens d'où? Saia daqui da sala/Sortez d'ici dans la salle. / Meu colega chama-se Hugo/ Mon colegue s'appelle Hugo.	Omissão da consoante no final do pronome e do verbo / e acréscimo da consoante (alteração do código). Tradução literária, influência da LM. Alteração do código, influência da LM. Alteração do código e omissão de consoantes e da regra de elisão.

4. Resultados e Discussões

Depois da nossa análise, constatámos que os aspectos relacionados a erros por interferência da LM foram cometidos pelos alunos, como estratégias de comunicação. Com efeito, para os dois (2) grupos de informantes, registou-se que 80% dos casos de interferência constatados são de tradução literária, alternância do código-fonte da LE, o não emprego da elisão, omissões e acréscimos de consoantes e ou de vogais, pronomes não adequados, estruturas verbais não correspondentes e formas híbridas próprias da interlíngua. Como aludem alguns autores linguistas, a presença de erros no EP são evidências que marcam a realidade de busca de conhecimento por parte de quem aprende. Sendo assim, temos a consciência de que é preciso tratar o erro como elemento que marca as dificuldades dos aprendentes, e é fundamental usarmos o erro como componente que faz parte de aprendizagem. No geral, as deficiências registadas são ao nível linguístico, mediante os quais os alunos passaram a recorrer a interlíngua e a interferência como forma de solucionar as dificuldades de aprendizagem que enfrentavam.

Como é referenciado por Selinker (1972), a interlíngua, sendo um sistema linguístico que resulta de uma estrutura psicológica latente no cérebro do aluno, a qual é activada no momento de aprendizagem de uma nova língua ou uma L2; e em conformidade com autor, no nosso estudo registámos que a interlíngua é um dos casos que configura em grande escala a interferência linguística, pois na tentativa de se comunicar, o aluno inventa um vocabulário

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

próprio que não corresponde a LM nem L2, e ou língua estrangeira LE e, esse aspecto regista-se nesta fase inicial de EP de línguas.

Quando analisámos o factor erro no EA de línguas, notamos que o erro faz parte deste processo, pois como diz o ditado popular *" é errando que se aprende*". De acordo com a teoria de aquisição de L2, o erro é tratado como elemento integral e inevitável no processo de EA de línguas. Na fase de estágio de aquisição de uma LE, o aprendiz encontra-se num período de experimentação onde a limitação é maior em termos de conhecimento da língua em causa. A propósito, Corder (1981) e le Grand (1984) salientam que é dever de quem ensina ter interesse no estudo de erros dos seus alunos, isto porque os erros cometidos são a fonte de informações sobre os níveis de conhecimento que os aprendentes possuem. Por essa razão, na nossa perspectiva de estudo de erros por interferência da LM, e baseado nos estudos de Corder, acreditamos que primeiro é importante identificar o erro para depois classificar o tipo de erro para perceber em que ocasião ocorreu. Salientamos ainda que o erro pode dar informações inerentes sobre o progresso no EA de línguas estrangeiras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, concluímos que tratando se de duas classes iniciais na aprendizagem do Francês, a ocorrência da interferência por transferências negativas, destaca-se em número considerável de erros por influências interlinguísticas de LM na produção do Francês LE. Os diferentes paradigmas de pesquisa nos mostraram a complexidade da interlíngua, desde a análise estrutural até a consideração dos factores cognitivos, contextuais e individuais que moldam sua evolução. Os erros por interferência não são somente originados pela LM, mas também são causados pela própria LE, quando o aluno baseia se na forma fonética para produzir a própria língua francesa.

Os erros cometidos pelos alunos, na fase inicial de aprendizagem, marcam uma perspectiva para a importância de uma dinâmica pedagógica no ensino de línguas. Os resultados indicam que a problemática principal é moldada pela língua materna do aluno pois, na falta de elementos curseais para a comunicação, o aprendente recorre à sua LM onde, na tentativa de produzir um enunciado na LE, ele reproduz palavras e expressões que não correspondem a LM nem a LA. A compreensão desses resultados permite que educadores e pesquisadores tomem decisões informadas/importantes sobre como adaptar o ensino para atender às necessidades individuais

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

de quem está no processo de aprendizagem de língua estrangeira. Quando se trata de aprendizagem de uma LE, há sempre implicações de cometimento de erros, os quais são vistos como indicadores do estágio de aquisição por parte de quem é exposto a aprender.

Desta forma, abordando a questão de análise do erro, temos que ter em mente de que analisar um erro é uma das formas de avaliar o empenho do aprendente. Com a análise do erro, podemos avaliar a evolução do EA a partir de um exame de erros onde pode-se destacar o ponto mais comum da deficiência dos alunos. Portanto, consideramos a análise do erro como um dos instrumentos necessário e eficazes que pode auxiliar o professor no exercício da sua função de ensino de línguas e outras matérias.

REFERÊNCIAS

BHELA, B. Native language interference in learning a second language: exploratory case studies of native language interference with target language usage. International Education Journal, v. 1, n. 1, p. 22-31, 1999.

BRITO, K. S. Interferência interlinguística na mente multilíngue: perspetivas psicolinguísticas e (psico)tipológicas. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CARDOSO, A. J. A importância do erro e as interferências linguísticas no processo de aquisição de uma língua não materna. Disponível em: http://www.performar.org/revista/edicao_22/import_erro. Acesso em: 12 mar. 2008.

CARIONI, L. Aquisição da segunda língua: a teoria de Krashen. In: BOHN, H. (Org.). Aquisição da segunda língua. [S.l.: s.n.], 1988.

CENOZ, J. The effect of linguistic distance, L2 status and age on cross-linguistic influence in third language acquisition. In: CENOZ, J.; HUFEISEN, B.; JESSNER, U. (Eds.). Cross-linguistic influence in third language acquisition: psycholinguistic perspectives. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2001.

CORDER, P. Error analysis and interlanguage. London: Oxford University Press, 1999.

CORDER, S. P. Signification of learners: erro, error. In: Analyses perspectives on second language acquisition. London: Longman Group Limited, 1967-1980.

CORDER, S. P. Dialectes idiosyncrasiques et analyse d'erreurs. Langages, n. 57, p. 17-28, 1980-1981.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Lisboa: João Sá da Costa, 2008.

DIDONET, V. Plano Nacional de Educação Brasil. Brasília: Editora Plano, 2009.

DURÃO, A. B. A. B. Os erros de aprendizes brasileiros de francês como língua estrangeira podem ser vistos como uma estratégia de aprendizagem? Um estudo sobre o passé composé. In: DURÃO, A. B. A. B. (Org.). Linguística contrastiva: teoria e prática. Londrina: Moriá, 2004.

FATEME, S.; ALBOLHASSAN. Estudo sobre as diferenças da pronúncia de consoantes na oralidade da L1 e da L2. [S.l.: s.n.], [s.d.].

GALISSON, R.; COSTE, D. Dictionnaire de didactique des langues. Paris: Hachette, 1976.

GALLIGANI, S. Réflexion autour du concept d'interlangue pour décrire des variétés non natives avancées en français. Vus Bilinguisme, 2003.

GONÇALVES, P. Panorama do português oral do Maputo: vocabulário básico do português (espaço, tempo e quantidade). Contexto e práticas pedagógicas. Maputo: INDE, 2000.

GONÇALVES, P.; STROUD, C. Panorama do português oral de Maputo: vocabulário básico do português (espaço, tempo e quantidade). Contextos e prática pedagógica. Maputo: INDE, 2000.

GREGÓRIO, F. A situação do português no contexto multilingue de Moçambique. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2008.

KANNAN, D. A. A escrita de Clarice Lispector. São Paulo: Limiar, 1994-2003.

KARIM, K.; NASSAJI, H. First language transfer in second language writing: an examination of current research. Iranian Journal of Language Teaching Research, v. 1, n. 1, p. 117-134, 2013.

KIPARSKY, P. Historical linguistics. In: DINGWALL, W. O. (Ed.). A survey of linguistic science. University of Maryland Press, 1972.

KRASHEN, S. D. Second language acquisition and second language learning. University of Southern California: Pergamon Press Inc., 1981.

LOOT, D. Analysing and counteracting interference errors. ELT Journal, v. 37, n. 3, p. 256-261, 1983.

LOUBIER, C. De l'usage de l'emprunt linguistique. Québec: Office québécois de la langue française, 2011. ISBN 978-2-550-61626-9.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

MACKY, W. Bilinguisme et contact de langues. Paris: Klincksieck, 1976.

MADANE, A. S. Comparison of three treatment options for painful temporomandibular joint clicking. Journal of Oral Science, v. 53, n. 3, p. 349-354, 2003-2011.

MENEZES, L. J. M. Português como língua estrangeira e segunda língua em Moçambique. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2013.

MOTA, M. B. Aquisição de língua segunda. Florianópolis: UFSC, 2008.

NEMATI, M.; TAGHIZADE, M. Exploring similarities and differences between L1 and L2. International Research Journal of Applied and Basic Sciences (IRJABS), 2006.

NGUNGA, A. Introdução à linguística bantu. Maputo: Imprensa Universitária, UEM, 2008-2012.

NGUNGA, A. Empréstimos nominais de português em bantu: o caso da língua yao. In: GALVES, C.; GARMES, H.; RIBEIRO, F. R. (Orgs.). África-Brasil: caminhos da língua portuguesa. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

NGUNGA, A. Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique. Revista Científica, UEM, 2012.

ÖZTOKAT, N. Analyse des erreurs/ analyse contrastive in grammaire et didactique des langues. Eskişehir: Anadolu Université Yayın, n. 590, 1993.

RICHARDS, J. C. O ensino comunicativo de línguas estrangeiras. [S.l.: s.n.], 1973-2006.

RODRIGUES, M. A língua materna no ensino e aprendizagem da língua inglesa: suas marcas e usos. Entre-palavras, v. 2, n. 2, 2012.

SAUSSURE, F. de. Cours de linguistique générale. São Paulo: Cultrix, 1913-1970.

SELINKER, L. Interlanguage. International Review of Applied Linguistics, v. 10, p. 209-232, 1972a.

SELINKER, L. Interlanguage. In: RICHARDS, J. (Ed.). Error analysis. London: [s.n.], 1972b.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEINREICH, U. Languages in contact: findings and problems. New York: Linguistic Circle of New York, 1953-1970.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.